

GUIA DE LEITURA

MILTON
HATOUM
Dois irmãos



GRUPO
COMPANHIA
DAS LETRAS

GUIA DE LEITURA

MILTON
HATOUR
Dois irmãos

GRUPO
COMPANHIA
DAS LETRAS

sumário

I. conheça melhor	4
O ESCRITOR	4
O LIVRO	4
A OBRA	5
II. saiba mais sobre	6
A IMIGRAÇÃO	6
O DESEJO DE VOLTAR	6
ALGUNS ELEMENTOS DA VIDA E DA CULTURA ÁRABE	7
GAZAL	8
III. olhares para a leitura	9
A EPÍGRAFE — A CASA	9
O PRÓLOGO — UMA HISTÓRIA DE PERDAS	10
OS PERSONAGENS — TRONCO E RAMOS	10
O NARRADOR — REVELAÇÃO E DISTÂNCIA	11
O que é narrado e como	11
Ponto de vista	11
Flashbacks	12
O FUNDO HISTÓRICO — PANÔ DE REMENDOS	12
O Brasil na Segunda Guerra Mundial	12
Ciclos da borracha	13
Ditadura militar no Brasil	13
Criação da Zona Franca	14
Descontinuidades	14
A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E COM OS MESTRES	14
AS TRAJETÓRIAS FEMININAS	15
OS IRMÃOS E A AUSÊNCIA DE MANIQUEÍSMO	15
O EROTISMO DO CASAL	16
O UNIVERSO AO REDOR — AGREGADOS, VIZINHOS...	17
IV. o lugar da obra na literatura brasileira — opiniões a respeito	18
REPERCUSSÕES NO LANÇAMENTO DA OBRA	18
V. conheça também... livros de milton hatoum — resenhas pelo site da editora	20

I. conheça melhor

O ESCRITOR

Milton Hatoum foi professor e se formou em arquitetura antes de se tornar escritor.

Esse reconhecido autor contemporâneo brasileiro tem uma vida marcada por múltiplas experiências profissionais e de formação, vivenciadas em importantes centros urbanos do Brasil e em exílios voluntários no exterior. Milton nasceu em Manaus, em 1952, onde passou a infância e parte da adolescência; fez o ensino secundário em Brasília no final dos anos 1960; cursou arquitetura na Universidade de São Paulo (USP) durante os anos 1970 e foi também em São Paulo que começou a vida adulta, trabalhando como professor e jornalista. Milton viveu, no começo dos anos 1980, em Madri, Barcelona e Paris, cidades onde foi estudar literatura, marcando seu aprofundamento nesta área. De volta ao Brasil, de 1984 até 1999, viveu intensamente sua experiência como professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas, em sua cidade natal. Nesse período, doutorou-se em teoria literária (também pela USP) e foi professor de literatura brasileira e escritor residente na Universidade de Berkeley, na Califórnia (1996).

Parte de sua vida acadêmica foi concomitante a sua atuação como escritor. Seu primeiro livro, o romance *Relato de um certo Oriente*, foi publicado em 1989. Muitos de seus contos, reunidos e publicados anos depois, foram escritos também nessa época de formação múltipla. O livro *Dois irmãos* foi publicado no ano 2000 e seu sucesso permitiu que Milton se dedicasse exclusivamente à profissão de escritor.

O LIVRO

O romance *Dois irmãos* é o segundo livro de Milton Hatoum e foi publicado no ano 2000, onze anos depois da publicação de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*.

Sua boa acolhida pelo público e pela crítica garantiu sucesso comercial e consolidou a visão sobre o talento deste autor.

A distância no tempo entre a publicação do primeiro e a publicação do segundo romance pode ser evidência do número de versões que mereceu *Dois irmãos*.

O esforço levou à excelência da obra, que foi reconhecida com o Prêmio Jabuti de Melhor Romance (honraria já concedida ao livro anterior).

Pouco tempo depois, *Dois irmãos* foi traduzido para diversos idiomas, evidenciando, portanto, o grande interesse pela obra e o reconhecimento do caráter universal da trama.

A OBRA

A vocação de arquiteto e as “experiências de exílio” (de Manaus para Brasília, do Brasil para a Europa e para a América do Norte) são marcas importantes da obra de Milton Hatoum. Seja na construção de suas tramas narrativas, seja na representação constante de sujeitos quase sempre com algum grau de deslocamento social, afetivo ou psicológico.

Para Hatoum, além da correção da linguagem com que trabalha, interessa constituir uma trama a ser apreciada como uma forma arquitetônica. Que se nota aos poucos, que é bruta à primeira vista, mas que se revela construída com delicadeza quando analisada com um olhar mais detido.

Um narrador não protagonista, cuja identidade não se revela de início, e que, mesmo quando é revelada, não nos satisfaz totalmente, é exemplo dessa construção arquitetônica que nos leva a enxergar brutalidade no começo e delicadeza por fim; quando conhecemos as motivações dos desajustes de quem narra uma história da qual deveria ser o centro, mas não é.

II. saiba mais sobre

A IMIGRAÇÃO

Durante a primeira metade do século xx, Manaus, assim como todo o Brasil, recebeu uma leva significativa de imigrantes de origem árabe — principalmente vindos do Líbano e da Síria.

(Estes países não eram independentes à época e pertenciam ao Império Otomano — por isso essas pessoas eram chamadas genericamente no Brasil de “turcos”.)

Se tivessem existido de verdade, Galib, emigrante/imigrante viúvo, e sua filha Zana estariam nessa leva. Halim também.

Várias foram as razões que motivaram a imigração de libaneses para o Brasil. Mas, de um modo geral, foi a busca por melhores condições de vida e a fuga da guerra que fizeram muitos libaneses atravessarem o Atlântico e desembarcarem no país que, além de pacífico, vivia um bom momento econômico, devido à economia cafeeira.

O Líbano vivia, em meados do século xix, uma devastadora guerra civil, e, além disso, o Brasil não impunha severas restrições para a entrada de estrangeiros, o que permitiu que os libaneses fossem para várias regiões do Brasil.

Muitos estabeleceram-se como mascates. Outros, chegando com um pouco mais de dinheiro, abriram lojas, sobretudo de tecidos e aviamentos. Galib, pai de Zana, por exemplo, era dono de um restaurante. Halim, por sua vez, abriu uma loja de secos e molhados.

O DESEJO DE VOLTAR

A vida do imigrante é difícil por várias razões. Uma das mais fortes é a saudade da terra natal, somada às novidades da terra de adoção (com as quais nem sempre é fácil lidar) — que fazem com que o imigrante, muitas vezes, se sinta deslocado, sem lugar.

Por isso, alguns optam por voltar assim que possível.

Galib assim o fez. Assim que viu Zana amparada, casada com Halim, retornou ao Líbano, onde morreu.

Podemos pensar que Galib quisesse voltar para se certificar de que o Líbano ainda era a terra de sua memória, a terra da qual sentia saudade.

Para Halim, o retorno não fazia sentido: “Voltar para a terra natal e morrer. [...] Melhor permanecer, ficar quieto no canto onde escolhemos viver”.

E Halim assim o fez. Tanto ele quanto Zana morreram em Manaus e o Líbano, para eles, passou a ser somente a terra dos ancestrais e a terra do exílio de Yaquib.

Sendo a terra dos ancestrais, sua evocação fazia aflorar afetos, aromas, saberes, sabores e sons (entre outras coisas que só o imigrante pode dizer). Na casa de Halim e Zana, a comida libanesa e o som do *derbake* sempre estiveram presentes. Mesmo antes, no ambiente do restaurante Biblos. E havia também a poesia que conhecemos...

Sendo a terra do exílio de Yaqub, o Líbano, por outro lado, evocava remorso e mágoa... remorso tanto em Halim quanto em Zana, mas sobretudo em Halim. E mágoa em Yaqub, que nunca superou o fato de ter sido mandado para o Líbano enquanto o irmão pôde crescer junto da família.

ALGUNS ELEMENTOS DA VIDA E DA CULTURA ÁRABE

As atividades econômicas que os imigrantes árabes desenvolveram estavam ligadas sobretudo ao comércio — diferentemente dos imigrantes italianos, por exemplo, que se dedicaram especialmente à agricultura.

No passado da nossa narrativa, Galib abriu um restaurante no térreo de sua casa e deu a ele o nome de sua cidade natal, Biblos.

No restaurante, Galib aprimorava as habilidades culinárias que já praticava no Líbano, mas enfrentava um desafio interessante para alguém que queria cultivar seus hábitos alimentares mesmo estando tão distante da terra natal: a falta de ingredientes com os quais estava habituado.

Isso o obrigava a improvisar e, como consequência, surpreender!

Promovendo um encontro de culturas, voluntária ou involuntariamente, Galib executava pratos como tucunaré recheado com molho de gergelim, berinjela recheada servida com posta de peixes amazônicos, macaxeira frita etc.

Mas não era apenas a comida que desenvolvia para o restaurante que ajudava Galib a não romper os laços com o Líbano.

A presença de outros imigrantes e das “vidas em trânsito” eram elementos fundamentais para matar as saudades daquela terra cada vez mais distante.

O restaurante Biblos era ponto de encontro de libaneses, sírios e judeus marroquinos (todos de sangue árabe, passaporte turco e religiões diversas). Estes imigrantes se comunicavam em árabe, espanhol, francês e português.

Foi no Biblos que Halim, recém-chegado do Líbano, viu Zana pela primeira vez. A partir de então, lá ia todos os dias pensando em meios de conquistar aquela menina tão encantadora.

Halim conquistou Zana recitando gazais e, durante todo o tempo em que estiveram juntos, estes poemas eram uma espécie de código que lhes proporcionava amor e instantes de paz.

GAZAL

Poema lírico, derivado da **casida**, gênero poético clássico árabe, que era dividido em três partes: (1) **nasib**, espécie de prólogo amoroso em que o poeta louva a beleza da amada ou recorda as horas felizes que passou em companhia dela, declarando seu amor, lamentando sua ausência e jurando lealdade; (2) **rahil**, descrição de uma viagem pelo deserto; (3) **madih** (panegírico) ou **hiya** (sátira) em que se elogia ou satiriza-se a pessoa a quem se dedica a composição, sua tribo ou sua classe social.

O **gazal** que vemos na narrativa é um gênero mais recente que teve origem na primeira das partes da **casida**. E os gazais de Umar ibn Abi Rabi'ah (falecido em *c.* 712/19), da cidade de Meca, são consideradas as composições mais antigas deste gênero. Mas é, ainda hoje, o poeta persa Hafiz (falecido em *c.* 1389/90) o principal representante do gênero.

Originalmente cantado, o **gazal** passou, com o tempo, a ser declamado. Assim, declamando gazais compostos em árabe e traduzidos para o português pelo amigo Abbas, Halim, libanês muçulmano, encontrou o caminho para o coração da jovem Zana, libanesa cristã maronita. A poesia que falava de amor dissolveu as distâncias e uniu definitivamente o casal, que construiu em Manaus o singular e conturbado lar libanês representado no livro.

III. olhares para a leitura

A seguir, destacamos alguns elementos da narrativa com o objetivo de guiar seu olhar e, assim, potencializar sua leitura ou aprofundar sua reflexão e convidá-lo, por que não, a fazer uma releitura desta obra tão rica.

A EPÍGRAFE — A CASA

*A casa foi vendida com todas as lembranças
todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em via de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
com seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis [...]*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Epígrafe é um termo literário usado para designar trechos expressivos — geralmente de outros autores — recortados e colocados em destaque antes do texto propriamente dito de uma obra.

No caso do livro *Dois irmãos*, a escolha de Milton Hatoum se deu pelo poema “Liquidação”, de Carlos Drummond de Andrade, em sua quase totalidade, faltando-lhe, apenas, no uso como epígrafe, o último verso (“por vinte, vinte contos”).

Se pela tradição literária uma epígrafe pode servir como chave de decifração para acessar os códigos subliminares e menos literais de uma obra, a escolha de Hatoum por este recorte do poema de Drummond é bem apropriada e serve como um elemento que revela praticamente todos os temas importantes tratados em *Dois irmãos*:

- A casa em si — que se constrói, desenvolve-se e se destrói junto com quem vive nela (metamorfoseando inclusive a cidade em que está inserida);
- As lembranças que habitam a casa e que se vão, eliminando a memória de quem ali viveu (e que só não se perde totalmente porque “alguém de fora” as registra);
- A riqueza material da família que se constrói e que também se perde ao longo da história (os “móveis”);
- Os pesadelos das vidas atribuladas, marcadas por pecados originais (a escolha de uma mãe por um filho; um estupro que gera fruto...) e por pecados quase cometidos (relações sensuais quase incestuosas);

- Uma casa movimentada tanto pela intensidade das relações íntimas que se desenvolviam em seu interior quanto pelas relações sociais que cresciam ao seu redor; não faltava bater de portas — inúmeros, interesseiros, amorosos, aproveitadores, violentos;
- O vento encanado do poema de Drummond é o ar amazônico no romance de Hatoum, com seu peso úmido e com seus aromas tropicais misturados aos aromas do Oriente cultivados pela família imigrante;
- A perspectiva de mundo desta casa alcança um Líbano distante, ancestral — e que nos parece exótico —, mas não quer encarar seus mais íntimos fantasmas, que não se avaliam, que não se pesam — e que se conformam nos seus imponderáveis.

No seu processo de leitura ou em seu processo de reflexão, esteja atento, então, à trajetória da casa!

O PRÓLOGO — UMA HISTÓRIA DE PERDAS

O sentimento de perda presente na epígrafe do livro se evidencia fortemente na leitura do texto que abre a narrativa de *Dois irmãos*.

Antes do capítulo 1, há um texto que nos apresenta uma personagem em seus últimos momentos, tendo que lidar com um histórico de perdas. Perdas de pessoas próximas e de seu confortável refúgio físico, sua casa.

O filho perdido, especial, nomeado por sua [falsa] condição (o “Caçula”), poderá, um dia, retornar a casa, mas esta mulher não terá nunca mais a paz e a tranquilidade que dariam a ela qualquer chance de plenitude.

Paz e tranquilidade foram elementos perdidos no dia em que se fez mulher como queria: mãe — esta, a condição que a levaria a uma escolha, construindo seu histórico de perdas. E assim pode ser vista esta narrativa: como um livro de perdas desta personagem primordial do núcleo que organiza a história de *Dois irmãos*.

Também outros personagens enfrentam amargas e dolorosas perdas — perdas daquilo que possuíam (um marido que perde uma esposa sempre presente para outro homem); perdas daquilo que nunca tiveram (uma mulher de desejos invisíveis que perde a esperança de um dia ser alguém, um filho que perde um pai que nunca tivera).

OS PERSONAGENS — TRONCO E RAMOS

Os personagens de *Dois irmãos* são tão diversos quanto a natureza e o mundo social que os cercam.

Em cada ramo, há um pouco de presença estrangeira integrando-se e transmutando-se ou uma marca de pobreza nativa anulando-se. O fim de todos é praticamente o mesmo.

AS MULHERES Lívia, Dália, Pau-Mulato	RAMO PRINCIPAL Galib, Zana, Halim, Yaqub, Omar, Rânia	OS VIZINHOS Estelita, Abelardo
OS AMIGOS, OS CONHECIDOS — SEMPRE A SERVIÇO Abbas, irmã, Damasceno, Adamor, Perna de Sapo	POR DENTRO, MAS EMBAIXO Domingas, Nael	OS MESTRES Bolislau, Antenor Laval O SÓCIO Rochiram

O NARRADOR — REVELAÇÃO E DISTÂNCIA

No prólogo, também já encontramos o interessante foco com que se constrói o processo narrativo de *Dois irmãos*: alguém que ora testemunha, ora fica sabendo o que se passou. Alguém que, mesmo estando perto, age discretamente — como se a história não pertencesse totalmente a quem a narra.

Pensar nos movimentos deste narrador, que compõe esta história com muito do que viu, mas com muito mais do que ouviu, é conhecer também parte importante da própria história.

Esta estranha testemunha revela-se na primeira metade da obra: ganha nome e mímina filiação. E o algo mais que vem a descobrir sobre si é compartilhado conosco no momento em que surge para ele como memória de outro personagem. Memória que, como as lembranças de Halim, vem compor o painel marcado pela brutalidade e pela delicadeza de seu relato.

O que é narrado e como

Nael, o narrador de *Dois irmãos*, não se revela logo de início. Pelo sujeito indefinido que é, sem certeza de sua origem paterna; sem clareza de sua condição na casa da família; sem firmeza de sua posição social; sem segurança em seu papel como narrador de uma trama em que não pode, mas na qual mereceria, ser protagonista.

A escolha deste sujeito de condições de vida tão frágeis — que escondem uma fortaleza de caráter e determinação, porém — para ser o portador da voz que nos conta esta história leva a uma necessidade de o autor deter-se minuciosamente na elaboração da trama, pois precisa garantir coerência a este ponto de vista deslocado.

Ponto de vista

Como Nael sabe de tudo o que se passou com os gêmeos, inclusive aquilo que se deu antes de seu nascimento? Nael é o guardião da memória desta história, contada a ele por

outro sujeito que foi afastado do centro dos acontecimentos: Halim, o patriarca que não queria ter filhos, que só queria poder gozar dos prazeres da vida ao lado de sua amada — e desejada — mulher.

Nael torna-se, assim, alguém que ouve para nos contar. Alguém que garante um lugar seguro para si ao se agarrar a esta história que nós sabemos que é sua. Alguém que se agarra a ela para ser alguém, para garantir a si — e a nós, leitores — que esta é, por fim, a sua história — a história da sua linhagem paterna, comece ela em qual ramo for dessa vertiginosa árvore familiar.

Flashbacks

Sendo *Dois irmãos* uma narrativa das memórias das memórias (sobretudo de Halim e Domingas), a história está repleta de flashbacks. O tempo não é o cronológico, embora adquira certa linearidade em alguns momentos, sobretudo após a revelação do narrador. O que ele nos conta é a história dos gêmeos, da família e da casa deles, que também é a sua.

O FUNDO HISTÓRICO — PANO DE REMENDOS

O Brasil na Segunda Guerra Mundial

A primeira referência claramente histórica do romance *Dois irmãos* é a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Já no início do capítulo 1, Halim vai ao Rio de Janeiro buscar o filho Yaqub, que voltava de sua temporada de cinco anos no Líbano. Nesta ocasião, o cais do porto está repleto de soldados brasileiros (os “pracinhas”) que voltavam das batalhas na Europa.

Este conflito armado de escala global durou de 1939 a 1945 e contrapôs, inicialmente, os países do chamado Eixo (Alemanha, Itália e Japão) aos Aliados (França, Reino Unido e União Soviética).

Em 1941, após um ataque japonês a bases militares norte-americanas no Havaí, os Estados Unidos entram na guerra, lutando ao lado dos Aliados.

A entrada dos norte-americanos levou ao envolvimento do Brasil no conflito, que passou a ser, a princípio, fornecedor de matéria-prima (minérios e borracha) para a indústria de guerra dos Estados Unidos. Depois, em 1943, é formada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por soldados que lutaram na Itália e por pessoas que participaram de outras maneiras do esforço de guerra.

O retorno desses soldados se deu ao longo do segundo semestre de 1945 — o que situa cronologicamente a volta de Yaqub ao Brasil nesse período.

Ciclos da borracha

A seringueira — planta da qual se extrai o látex para produção de borracha — é nativa da Amazônia e sua exploração comercial culminou em um primeiro ciclo de desenvolvimento econômico na região no final do século XIX e no início do século XX, muito em função do surgimento da indústria automobilística na Europa e nos Estados Unidos.

Nesta época, a cidade de Manaus passou a ser conhecida como a Paris dos Trópicos, pois urbanizara-se profundamente, ganhando grandes avenidas, bulevares, importantes prédios públicos e um imenso teatro de ópera, marca de sofisticação e cosmopolitismo. E também atraiu a primeira leva de imigrantes, como aqueles que povoam a narrativa de *Dois irmãos*.

Migrantes do Nordeste do Brasil também foram para a região amazônica nesse mesmo período — formaram o primeiro grande contingente de seringueiros extratores do látex. Mais tarde, no período da decadência econômica da borracha, formaram o primeiro grande contingente de pobres e marginalizados da metrópole manauara, disponíveis para servir às famílias mais estruturadas economicamente.

As bases econômicas da família que protagoniza *Dois irmãos* têm sua origem neste contexto, pois é nesta época que Galib abre seu restaurante e que Halim pratica sua atividade econômica típica de árabes imigrantes: a venda de produtos como caixeiro viajante.

Este primeiro ciclo da borracha encerra-se quando a matéria-prima passa a ser produzida no Sudeste da Ásia, em maior escala, o que faz com que a região amazônica entre em decadência econômica. O ressurgimento do ciclo da borracha acontece por ocasião da Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1940, quando os seringais da Ásia estavam ocupados pelo Japão e os Estados Unidos e a Europa precisavam de látex como matéria-prima para suas indústrias. O fim da guerra coincide com o surgimento da borracha artificial, o que pôs fim de vez à economia baseada no produto natural da seringueira.

Ditadura militar no Brasil

Um importante momento histórico do Brasil que está presente na obra de Milton Hatoum é aquele iniciado em 1964, quando o presidente João Goulart é deposto por forças militares, dando início a um período de forte repressão política.

E é justamente em um episódio de repressão que este momento histórico aparece de maneira mais contundente na narrativa: a prisão e a tortura, em público, de Antenor Laval, professor, poeta e crítico da política da época, com quem Omar havia desenvolvido uma relação de admiração e profundo respeito.

A condição histórica que o país atravessava irá afetar de maneira diferente a vida de personagens do livro.

Yaqub vive, neste período, seu amadurecimento profissional, em função de novos surtos de desenvolvimento econômico que o Brasil atravessa — e, mais uma vez, Manaus, em particular, experimentará um ciclo de recomposição de sua vida urbana em cima de sobras decadentes de ciclos anteriores. Nesta mesma época também se dará a morte de Halim.

Criação da Zona Franca

No fim dos anos de 1960, com o objetivo de impulsionar de vez o desenvolvimento da parte ocidental da Amazônia brasileira, e em consequência de políticas anteriores de integração, consolida-se em Manaus a Zona Franca, que consiste em proporcionar isenções de diversos impostos para indústrias — sobretudo de tecnologia — que se instalem no local.

Novas promessas de desenvolvimento econômico são vislumbradas no horizonte da metrópole encravada na floresta.

Na narrativa, é o personagem Rochiram, estrangeiro empreendedor, que vai representar os novos interesses que levarão a cidade a mais uma vez se implodir para reconstruir-se em cima daquilo que não fora terminado, por conta da interrupção do ciclo econômico anterior.

Descontinuidades

Acompanhando a linha histórica que atravessa o romance *Dois irmãos*, notamos que sua marca principal é a ausência de permanência nos ciclos de vida — econômica e, consequentemente, social — da região amazônica, da cidade de Manaus, da família de Halim e Zana, dos filhos gêmeos, dos agregados.

As vidas descritas pelo narrador são marcadas por conflitos não exclusivamente manguaras, mas oportunamente criados pela dinâmica dessa cidade.

Vidas que se constroem e se destroem junto com os ciclos de ascensão e decadência de experiências econômicas, de junção de povos, de lutas políticas, de brigas familiares, de formações afetivas.

O desenvolvimento de temas tão diversos quanto pouco específicos da localidade em que se passa a história de *Dois irmãos* faz de Hatoum um autor universal.

A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E COM OS MESTRES

Se Yaqub, em casa, era preterido, na escola ele se destacava. Aluno brilhante desde que retornara do Líbano, recebia a atenção dos professores, sobretudo de Bolislau, professor de matemática que previa para ele um futuro promissor.

Já Omar será expulso do colégio por causa de uma agressão cometida contra este mesmo professor preferido de Yaqub. Omar passa a estudar no “Galinheiro dos Vândalos”, onde conhece o professor de literatura, Antenor Laval, que exercerá sobre ele profunda influência. Laval, defensor da liberdade, foi perseguido e morto pela ditadura, fato que abalou Omar e o fez, por um tempo ao menos, recolher-se e afastar-se de orgias e desregimentos.

Yaqub vai para São Paulo continuar os estudos e torna-se um bem-sucedido engenheiro. Já Omar segue sua vida praticamente sem mais relações com a educação formal, sem limites nem preocupações e arcará com as consequências dessa escolha.

AS TRAJETÓRIAS FEMININAS

Observe como o pouco que se constrói de perene nas principais trajetórias narradas nesta obra parte de figuras femininas. Ainda que não protagonizando, é com elas que está a força de trabalho descomprometida de interesses escusos (como a vingança e a soberba destrutiva) e comprometida com a manutenção da existência.

É Rânia quem garante a continuidade das atividades econômicas da família, fortalecendo a loja aberta por seu pai.

É Domingas quem mantém a ordem da casa, com seu trabalho discreto e garantidor da mínima continuidade do lar. E parte de Domingas aquilo que irá permanecer ao final de todas as trajetórias: a vida de Nael e a narrativa que ela possibilitou.

Por fim, Zana — que representa a força motriz de construção e destruição. Onde quer que ela esteja, tudo gira em torno de suas vontades e decisões. Tanto os homens quanto as mulheres da casa acabam agindo seguindo o ritmo que ela impõe. Sua decisão de ter filhos contraria Halim, mas este acaba cedendo, já que o amor pela esposa faz com que esta obtenha tudo o que deseja.

Mesmo no final da vida, Zana impõe sua escolha de continuar na casa até quando pode, opondo resistência aos apelos da filha Rânia, que absorve da mãe, inclusive, o amor devocional — e sensual — pelos irmãos gêmeos.

Embora culturalmente o homem árabe seja reconhecido por ser aquele que toma as decisões, em *Dois irmãos* é da mulher a voz que se faz ouvir em muitos momentos.

OS IRMÃOS E A AUSÊNCIA DE MANIQUEÍSMO

Histórias de gêmeos que se desentendem são comuns em nossa herança cultural e literária.

Na cultura judaico-cristã, o primeiro par de irmãos de quem nos lembramos é Caim e Abel. Caim é retratado como o irmão invejoso, que se ressentente da relação entre Abel e Deus e que, por isso, mata o irmão. Esaú e Jacó é outro par bíblico a quem nos remetemos ao nos deparar com a história dos filhos de Zana e Halim. Assim como Zana, Rebeca e Jacó têm preferência por um dos gêmeos, Jacó, o que provoca a revolta do filho não escolhido.

Nestas histórias, notamos que, comumente, ao filho não escolhido são atribuídas situações negativas. Caim foi punido, condenado a vagar pela terra, e Esaú não recebeu a benção de Deus.

Em *Dois irmãos*, aquilo que acontece subverte um pouco essa maneira de ver os irmãos como opositos. Não é possível atribuir a um dos gêmeos apenas características negativas ou positivas. Os dois são seres complexos, em uma disputa que começou pelo amor da mãe, atingiu seu ápice pelo amor de Lívia e culminou na destruição que testemunhamos ao final.

Omar, o filho escolhido, claramente não reúne em si elementos de benemerência. Demonstra, porém, momentos de profunda humanidade na narrativa. Como quando tenta

viver afastado de todos, junto de uma mulher que ele escolhera para companheira, como se quisesse experimentar um começo de nova vida interrompido pela mãe. Ou mesmo quando se abala profundamente com a morte do professor Antenor Laval, com quem estabelecera um vínculo verdadeiro de respeito, admiração e afeto. Mesmo alguns de seus ímpetos mais cruéis não deixam de evidenciar fraqueza humana, como quando humilha o pai morto — o que pode ser menos por vingança e covardia do que pela incapacidade de lidar com a perda irreparável daquele que deveria ter sido seu esteio.

Yaqub, o filho preterido, faz de sua desgraça seu caminho para a prosperidade. Empenha-se nos estudos, forma-se em nível superior, tornando-se bem-sucedido engenheiro e pai de família. A prosperidade construída, porém, parece ter sido estruturada sobre um inabalável senso de vingança, combinado a uma forte soberba — quanto mais o irmão se afundava em perdas, mais Yagub queria se projetar acima do que já construirá. Sua incapacidade de perdoar e de dar paz à moribunda mãe, inclusive, é denunciada pela própria irmã.

Os mitos bíblicos já foram outras vezes ressignificados por autores de língua portuguesa. José Saramago, em *Caim*, atribui a Deus a responsabilidade pelo crime de Caim. Ao escolher um dos gêmeos, Deus, como gerador da exclusão, suscita rancor e rebeldia no irmão preterido e o redime, visto que sua reação não poderia ser outra.

Em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, Pedro e Paulo são gêmeos que vivem às turras e, apesar de a mãe não optar por nenhum, a competição entre eles vem desde o ventre e não é possível saber qual dos dois é mais merecedor do amor de Flora.

Para o leitor de *Dois irmãos* e dessas outras obras, a adesão a um dos gêmeos não é fixa. Ela oscila no decorrer da narrativa, o que reforça a complexidade e a profundidade de histórias às quais não cabem simplificações.

O EROTISMO DO CASAL

Algo incomum em livros que tratam de representações familiares aparece nesta história sem receios ou falsas objeções: a sensualidade na relação entre o pai e a mãe da família que constitui o núcleo da obra.

A relação sensual entre Halim e Zana se estabelece logo de início, após curiosas investidas amorosas do mascate quando ele e a futura esposa eram ainda muito jovens.

No jogo da conquista amorosa, inclusive, está presente a sensualidade em forma de literatura, já que o principal instrumento da conquista amorosa está nos gazais, poemas típicos da tradição árabe, oferecidos por Halim a Zana.

As relações eróticas avançam durante a maturidade do casal, ainda que competindo sempre com a relação que Zana vai estabelecendo com o filho caçula.

O temor de Halim — de perder a mulher para os filhos — vai se tornando realidade e sua possível amargura é transfigurada no exercício de narrar a trajetória dessa perda para o neto bastardo, constituindo grande parte da história da família.

O UNIVERSO AO REDOR — AGREGADOS, VIZINHOS...

Uma narrativa localizada em meio social tipicamente brasileiro sempre será permeada com relações humanas complexas que se estendem da família para pessoas que não estariam, a princípio, ligadas a este núcleo.

As relações de Halim e Zana com os vizinhos são marcadas por identificações de cultura, de origem ou de amizade. Apesar de nem todos serem de uma mesma cultura original, ainda que a maior parte seja formada por cristãos árabes, todos são, em geral, imigrantes. E as trajetórias imigrantes em Manaus pareciam percorrer um mesmo roteiro: atraídos pelo surgimento de um novo ciclo econômico, ascendem socialmente pelo trabalho, formando uma classe social próspera e com relações íntimas fechadas — afinal, um dos gêmeos acaba se casando com a sobrinha dos vizinhos mais próximos.

As posições ocupadas por Domingas e Nael são típicas da sociedade — e da literatura — brasileira.

Domingas é levada para a casa da família por ser uma órfã sem nenhum vínculo aparente. Sua subsistência é garantida enquanto pode manter-se servindo à família como encarregada de todos os afazeres domésticos. Esta posição, em sociedades liberais não tão fortemente marcadas pelo trabalho escravo, seria seguramente ocupada por uma pessoa com vínculo de emprego para com a família. Seu filho Nael, ligado à família inclusive por filiação bastarda, herda naturalmente a posição da mãe, servindo, desde criança, como um prestador de serviços de toda natureza para a família e para os vizinhos ricos, sem remuneração objetiva.

Além de estar presente em muitos estudos sociológicos, a figura do agregado, que define Domingas e Nael no seio da família de Zana e Halim, está presente em importantes romances brasileiros desde pelo menos o fim do século XIX. Já aparecia como condição temporária do protagonista em *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Macedo; ocupa lugar crítico em obras de Machado de Assis (dona Plácida em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e José Dias em *Dom Casmurro*) e aparece, também, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (Botelho, no sobrado de Miranda e mesmo Bertoleza, escrava supostamente alforriada à disposição de João Romão). A *Negrinha*, de Monteiro Lobato, exprime a mais triste trajetória de alguém nesta condição na história da literatura brasileira.

Os pobres presentes na narrativa de *Dois irmãos* também ocupam o lugar típico destes na tradição brasileira (tanto social quanto em sua representação literária): eles estão à disposição das famílias abastadas, sempre prontos para executar algum trabalho mais complexo ou de natureza socialmente mais arriscada, tal como procurar um parente perdido em locais onde não seja seguro estar alguém de classe social privilegiada. A recompensa — quando vem — se dá na forma de troca de favor, em que a moeda, muitas vezes, pode ser exclusivamente o status dado pelo reconhecimento social da relação de alguém desfavorecido com alguém economicamente superior.

IV. o lugar da obra na literatura brasileira — opiniões a respeito

REPERCUSSÕES NO LANÇAMENTO DA OBRA

O romancista Milton Hatoum consegue escapar do exotismo, em Dois Irmãos, ao dramatizar com distanciamento a saga de uma família de imigrantes libaneses na Manaus do início do século.

[...] As inconclusões do passado e a reconstrução do desfeito eram temas de seu livro de estreia, Relato de um Certo Oriente (1989). E ressoam agora, como harmonias de fundo, para as rapsódias de Dois Irmãos, seu muito esperado novo romance, que confirma o nome do autor entre os mais importantes da sua geração.

ARTHUR NESTROVSKI. “Uma outra história”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11 de junho de 2000.

A espera de 11 anos, um longo e inexplicável silêncio, valeu a pena. Autor até aqui de um único e celebrado romance — Relato de um certo Oriente, de 1989 — o escritor amazonense Milton Hatoum, 48 anos, quebra o jejum imposto a seus leitores com um livro ainda mais radical. Dois irmãos tem novamente como tema a saga de uma família libanesa radicada na Amazônia, desde o desabrochar cheio de fé até a marcha inexorável para a queda. Outra vez, só que com mais agudeza, Hatoum escreve para vasculhar o coração intempestivo do homem.

[...] É aos pedaços, com sentimentos ora serenos, ora ásperos, que o leitor vai traçando seu próprio retrato dos dois irmãos. Num mundo em que todos os bons sentimentos, exacerbados ou encobertos, se nivelam na mesma agonia, o que permanece é só uma voragem, um debater-se. Em consequência, Dois irmãos é um livro de certa inquietação e algum mal-estar. Mas é um desses raros romances cuja leitura, pelo que contém de desassossego, transforma aquele que o lê.

JOSÉ CASTELLO. “Caim e Abel”. *Revista Istoé*, São Paulo, 19 de julho de 2000.

Valeu a pena esperar 11 anos pelo segundo romance de Milton Hatoum. Dois irmãos revela um notável amadurecimento do romancista, promissor em Relato de um certo Oriente, e agora dotado do domínio pleno de sua temática e de seus meios.

Este romance tem muitas qualidades. A mais sedutora talvez seja, como no anterior e mais do que naquele, a ambientação: Manaus, o clima, as cores e principalmente os odores (“um cheiro que morreu nos tajás da minha moita”). Assim como a vegetação equatorial, na qual as plantas estão permanentemente morrendo e florescendo, numa mistura de podridão e verdor, a cidade de Milton Hatoum é uma ruína pululante de vitalidade. O cheiro da floresta ali se mistura com o cheiro de lodo. A Cidade Flutuante, bairro de palafitas cuja destruição é narrada no fim do romance, pode-

ria ser uma metáfora dessa cidade suspensa na memória do romancista, cidade cujas misérias ele desejaria esquecer, e de cujos encantos ele se mantém cativo.

As personagens do romance estão todas, de uma forma ou outra, presas a esse fascínio. O “habitat” em que todos se movem, em gozo e sofrimento, é esse lugar de calor e chuva, de águas caudalosas, de frutas, pássaros e peixes nativos, cunhantãs e curumins. Esse é o universo do romancista Milton Hatoum, que não pode ser rotulado de exótico porque só o é para um olhar de fora, e não para quem, sendo parte dele, o vê sem idealização, com melancólica lucidez.

LEYLA PERRONE-MOISÉS. “A cidade flutuante”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 de agosto de 2000.

Com apenas dois romances publicados (Relato de um certo Oriente, 1989, e Dois irmãos, 2000, ambos pela Companhia das Letras), Milton Hatoum é um dos maiores ficcionistas de nosso final de milênio. E as diferenças internas na constituição dos dois romances sugerem que outros caminhos se armam. Se a fecundação da memória é um traço comum aos dois, com o resgate da imigração árabe para uma Manaus que, nos dois romances, se estende do começo do século aos anos imediatamente posteriores ao golpe de 64, a maneira de realizá-los é sensivelmente distinta; ao passo que, em Relato, a narrativa se emaranha porque a narradora apenas saíra da clínica para distúrbios mentais e a leitura precisa estar atenta para desentranhar os fios da árvore genealógica, em Dois irmãos o narrador pertence a um estrato subterrâneo e enterrado: é filho de uma índia domesticada e estuprada por descendente de imigrantes libaneses; nada o embaralha senão as próprias voltas da vida e o caráter desta “cidade flutuante”.

LUIZ COSTA LIMA. “A ilha flutuante”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de setembro de 2000.

V. conheça também... livros de milton hatoum — resenhas pelo site da editora

— A primeira família árabe, em um caleidoscópio de relatos:

Relato de um certo Oriente

Ambientado entre o Oriente e o Amazonas, este relato é a busca de um mundo perdido, que se reconstrói nas falas alternadas das personagens, ecos longínquos da tradição oral dos narradores orientais. Livro de estreia do autor, recebeu o Jabuti 1990 de melhor romance.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)

— A segunda família árabe, em um turbilhão de afetos:

Dois irmãos

Neste romance de intensa dramaticidade, Milton Hatoum narra a história de dois irmãos gêmeos — Yaqub e Omar — e suas relações com a mãe, o pai, a irmã e, de outro lado, com a empregada da família e seu filho, um menino cuja infância é moldada justamente por esta condição: ser o filho da empregada.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)

— A família, a opressão, a arte, a revolta:

Cinzas do Norte

Em Cinzas do Norte, o amazonense Milton Hatoum aprofunda o projeto narrativo de seus livros anteriores — Relato de um certo Oriente e Dois irmãos —, ampliando o foco além do mundo familiar para escrever a “história moral” de sua geração.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)

— A selva, os mitos, a riqueza, a decadência:

Órfãos do Eldorado

Com a novela Órfãos do Eldorado, na pele de personagens como Arminto e Dinaura, Florita e Estiliano, Milton Hatoum concentra — num relato de sonho e pesadelo, ambientado no final do ciclo seringueiro na Amazônia — a vasta matéria que vem explorando desde Relato de um certo Oriente, Dois irmãos e Cinzas do Norte.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)

— Contos de múltiplas experiências humanas — aqui e acolá:

A cidade ilhada

Nos contos breves de A cidade ilhada, Milton Hatoum lança seus personagens num vaivém incessante e vertiginoso, vivido ou apenas imaginado, entre Paris e Bangkok, Barcelona e Berkeley, em meio a desencontros, exílios, fantasmas da família e da província.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)

— Crônicas de um observador preciso e discreto:

Um solitário à espreita

A literatura, os afetos e a realidade examinados com lirismo e inteligência por um dos maiores ficcionistas brasileiros da atualidade.

(FONTE: www.companhiadasletras.com.br)